



Conversando sobre Relações Internacionais: Entrevista Gabriel Passetti

*Talking about International Relations:
Interview Gabriel Passetti*

*Hablando de Relaciones Internacionales:
Entrevista a Gabriel Passetti*

Jose Miguel Arias Neto¹

 [0000-0002-7247-1296](https://orcid.org/0000-0002-7247-1296)

Marcello José Gomes Loureiro²

 [0000-0002-4394-340X](https://orcid.org/0000-0002-4394-340X)

Pedro Gustavo Aubert³

 [0000-0002-2337-035X](https://orcid.org/0000-0002-2337-035X)

Gabriel Passetti é Professor de História das Relações Internacionais na Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança (PPGEST-INEST-UFF). Doutorou-se em História Social pela Universidade de São Paulo (2010), onde também concluiu o bacharelado (2002), a licenciatura (2003), o mestrado (2005) e o pós-doutorado (2013). Atualmente, é Coordenador do Laboratório de História da Política Internacional Sul-americana (LAHPIS), além de estar vinculado ao Grupo Interuniversitario de Estudios sobre Diplomacias y Culturas (GIEDyC), e ao Taller de Estudios sobre la Frontera Sur (TEFROS), sediado na Universidade Nacional de Río Cuarto (UNRC, Argentina). É bolsista Produtividade em Pesquisa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/ Nível 2) desde 2016 e foi bolsista do programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) entre 2019 e 2023.

Nesse momento, conta diversos capítulos de livros, além de mais de cinquenta artigos publicados em revistas brasileiras e internacionais, abordando temáticas concernentes às

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP. Professor Associado e Docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina - UEL e do Programa de Pós-Graduação em História e Regiões da Universidade do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO. Lattes: [4096402583066476](https://lattes.cnpq.br/4096402583066476) - E-mail: jneto@uel.br.

² Doutor em *Histoire et Civilisation* pela École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS e Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professor do Centro de Ciências Sociais da Escola Naval e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense - UFF. Lattes: [3108999053034006](https://lattes.cnpq.br/3108999053034006) - E-mail: marcelloloureiro@yahoo.com.br.

³ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP. Docente do curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo - FEUC. Lattes: [6998461232594053](https://lattes.cnpq.br/6998461232594053) - E-mail: pedroaubert@yahoo.com.br.



relações internacionais *nas e das* Américas; estratégias de expansão e legitimação das conquistas territoriais no século XIX; análise de relatos de viajantes e representação e participação política de povos originários. É autor dos livros *Diplomacias e conexões internacionais: a América do Sul no longo século XIX* (2025); *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)* (2012); e *Bernardo O'Higgins* (2008). É organizador (em parceria com a Professora Ana Paula Barcelos Silva) da coletânea *Nas teias da diplomacia: percursos e agentes da política externa brasileira no século XIX* (2022). O Professor Gabriel Passetti tem se dedicado ainda a orientar pesquisas em nível de graduação e pós-graduação, bem como a compor bancas de avaliação de dissertações e teses.

*

Entrevista

Entrevistador: Caro Gabriel, antes de tudo, muito obrigado por esta oportunidade de entrevistá-lo e por sua participação neste dossiê.

Gabriel Passetti: Caros José Miguel, Marcello e Pedro, é uma honra conversar com vocês sobre a história das relações internacionais e minhas pesquisas.

Entrevistador: Para iniciarmos, você poderia nos contar sucintamente como começou seu envolvimento com a temática da história das relações internacionais?

Gabriel Passetti: Eu me interessei pela história das relações internacionais desde antes do vestibular. Quando fui escolher qual carreira seguir, prestei História na Universidade de São Paulo (USP) e Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Minha graduação foi em História e ao longo dela eu cursei disciplinas no recém aberto curso de Relações Internacionais (R.I.) da USP.

Acredito que por esse interesse nas relações internacionais, aproximei-me da História da América Latina na graduação e, mais especificamente, da Argentina. Foi neste campo que eu realizei meu mestrado (Passetti, 2005). No doutorado, resolvi fazer uma ampliação enorme do objeto de estudo e incorporei, em análise comparada e conectada, o Império Britânico e, mais especificamente, sua colônia na Nova Zelândia (Passetti, 2010).



Quando estava no doutorado e passei a lecionar no Ensino Superior, as opções pelas disciplinas de História da América, História Contemporânea e História das Relações Internacionais foram óbvias. Logo passei a lecionar em cursos privados de R.I. e, desde 2012, estou vinculado a esta área na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Entrevistador: Em face das linhas de força recentes na teoria da história, quais foram as que mais influenciaram sua pesquisa? Que historiadores mais marcaram sua trajetória acadêmica?

Gabriel Passetti: Eu me aproximo daquela não tão nova História Política Renovada. Minhas pesquisas sempre giraram em torno da ampliação do espaço político, de novos atores, agendas e forças em uma perspectiva latino-americanista. Neste sentido, impossível eu deixar de citar minha orientadora, Maria Ligia Coelho Prado, que foi uma das responsáveis pela renovação historiográfica na área e promoveu o diálogo entre os latino-americanistas e a História Política Renovada. Neste amplo campo, dialoguei com a tradição que passou pela História Comparada, cheguei na Conectada, então na Transnacional e, por fim, na Global. Não acredito em linhas evolutivas, mas sim em diálogos sucessivos.

Assim, sempre procurei me distanciar das análises centradas nos recortes nacionais. Desde questões clássicas apresentadas nas pesquisas de Marc Bloch, entendo haver muitos ganhos ao se analisar as sociedades de forma mais ampla. As leituras comparativas acabaram sendo muito criticadas, mas me parecem ser úteis, a depender das questões a serem colocadas e de seus objetivos, afastando-se dos estudos que procuraram demonstrar um modelo ou tipo ideal e comparar sua aplicação em outros locais, por exemplo.

Já as problemáticas colocadas pela chamada História Conectada, na qual o papel do latino-americanista Serge Gruzinski é central, são muito interessantes e dialogam com o que eu apresentava no início da minha resposta: o afastamento de uma história política tradicional, centrada no recorte estatal e em grupos muito restritos de poder. Considero que as contribuições deste tipo de olhar para minhas pesquisas e para a história das relações internacionais são enormes. Somente a partir de um olhar sobre as conexões foi que pude analisar como grupos de colonos e militares em locais tão distantes e distintos como a Argentina e a Nova Zelândia articularam respostas semelhantes e bélicas ao que entendiam como a ameaça indígena.



Quando eu cursava meu doutorado, não se falava de História Global. Foi somente ao reler e revisar aquele material, anos depois, que pude dar nome ao diálogo historiográfico e ao olhar que eu procurei dar às questões dos processos de ocupação violenta dos territórios no século XIX e dos combates às resistências nativas. Não acredito em um simples transposição da antiga “História Universal” europeia à História Global. São olhares e recortes distintos. Destaco, por exemplo, os interessantes livros de Jürgen Osterhammel e Odd Arne Westad, um sobre o século XIX e o outro sobre o XX. Em ambos, o jogo de escalas, as comparações e as conexões dão força a análises sobre processos globais e não centrados em leituras de centro-periferia, dominador-dominado ou na narrativa de supostas glórias do Ocidente.

Entrevistador: Como você compreende os principais desafios metodológicos aplicados às relações internacionais? Ou seja, qual deve ser a abordagem do historiador acerca desses temas?

Gabriel Passetti: O diálogo entre historiadores e internacionalistas não tem sido muito simples. Quando olhamos para o século XIX, houve um peso bastante grande na construção de histórias nacionais e nacionalistas construtoras de oposições com os países vizinhos. Daí surgiu uma tradição de história diplomática validadora de discursos nacionais, focada em “vitórias” e “derrotas”, “heróis” e “traidores” que apenas reforçou a xenofobia e contribuiu diretamente para a construção dos ódios e alianças que levaram à Primeira Guerra Mundial. Quando acabou aquele terrível conflito, simultaneamente se estabeleceu o mito fundador da área de Relações Internacionais, na Universidade de Gales, com a criação da *Cátedra Woodrow Wilson de Política Internacional*. Retomo essa história clássica da área para retomar como ela surge negando e se afastando da História, acoplando-se à Ciência Política, área em que hoje em dia há uma subárea de “Política Internacional”. Assim, ao longo do século XX, a maior parte dos internacionalistas procurou construir teorias sistêmicas que usavam a história apenas como validadora (anacronicamente, diriam os historiadores), enquanto a História também se afastou dos temas internacionais e da própria política por conta do legado da antiga história diplomática.

No espaço entre estes dois campos em distanciamento, estabeleceu-se a subárea de História das Relações Internacionais a partir de duas linhagens principais, a francesa e a inglesa, cada



uma procurando à sua forma articular o estudo do tempo aos temas políticos e aos debates mais estruturais sobre sistemas internacionais.

Digo isso para reforçar como, hoje em dia, pesquisar e escrever sobre história das relações internacionais demanda uma articulação com as teorias e metodologias da História e de Relações Internacionais, em um diálogo não muito fácil. A História oferece uma série de leituras que podem ser úteis, desde a história dos intelectuais à história das finanças, passando pela história de gênero e a global. Todas essas escolas são escolhas que oferecem lentes interessantes para se pensar o internacional e as relações internacionais no tempo.

Ao mesmo tempo, a Ciência Política, a Sociologia, a Antropologia e as teorias das Relações Internacionais oferecem ferramentas analíticas macro que, em diálogo com a História, ampliaram muito o campo. Cito, por exemplo, os campos das sociabilidades dos diplomatas, os circuitos transnacionais da diplomacia informal e científica, a metodologia de análise da política externa, as análises em dois níveis (internacional e doméstico), ou então o lugar das mulheres na articulação de resistências às guerras. O diálogo entre as grandes áreas nunca é simples pela fragmentação das Ciências Humanas, mas no caso das pesquisas em história das relações internacionais eu considero fundamental e com muito potencial.

Entrevistador: Em que a abordagem do historiador se difere da abordagem do sociólogo ou do cientista político?

Gabriel Passetti: O olhar do historiador sempre tem como referência o tempo, uma determinada variável ao longo de um período cronológico. De forma complementar, sociólogos e politólogos em geral procuram encontrar os padrões, as recorrências em escalas temporais muito mais amplas. Já os historiadores buscam entender as especificidades, as diferenças e usam as teorias para ajudar a analisar suas fontes, mas não vão submeter ou contorcer suas fontes e os dados encontrados para encaixá-los nas teorias. Mesmo quando trabalham com jogos de escalas e com sistematizações, os historiadores tem o tempo como referência e estão atentos às especificidades e às fontes, ao passo que as Ciências Sociais procuram padrões e tendências, mesmo que casos específicos fujam da curva. São formas distintas de observar e analisar as sociedades, nenhuma melhor do que a outra. Apenas lentes diversas e que podem ser complementares.



Entrevistador: Qual a sua recomendação para os estudantes que estão começando a trilhar o campo das relações internacionais?

Gabriel Passetti: Os estudantes que estão começando a trilhar o campo das relações internacionais são, por princípio, curiosos e com múltiplos interesses. São os alunos que gostavam de História e Geografia no colégio, que acompanham o noticiário internacional e tem um interesse grande por economia e cultura. Começo dizendo isso porque sempre digo a eles para não perderem este olhar múltiplo, reforço que é importante encontrar uma lente analítica para não ficar refém de achismos e generalismos, mas que ao mesmo tempo não se prendam em esquemas interpretativos muito rígidos.

A área de relações internacionais tem uma atração enorme pelo presente e pelo futuro, com temas mobilizadores que depois saem do foco quando chega uma nova crise. Posso citar armamento nuclear norte-coreano, Brexit, Síria, Mar do Sul da China e tantos outros. No momento é o novo mandato do Trump. Diante deste constante fluxo, sempre digo aos estudantes que para não ficar refém dessas marés e sempre correndo atrás, é preciso encontrar sua própria lente analítica, ou seja, qual vertente teórica das relações internacionais considera mais coerente. No entanto, sugiro para jamais esquecerem que aqueles temas tem origens históricas, antropológicas e sociológicas e que, se recorrerem a estas ferramentas, conseguirão análises mais amplas, embasadas e coerentes. Todavia, ninguém garante que um tomador de decisão seguirá o encadeamento lógico, teórico e racional, até por isso é impossível prever o futuro, mas é possível analisar o presente.

Entrevistador: E agora, que trabalhos recentes você tem desenvolvido e o que os leitores já podem aguardar?

Gabriel Passetti: Eu estou trabalhando recentemente em um grande projeto de título *Conexões sul-americanas: diplomacia, intelectualidade e economia no longo século XIX*, executado no laboratório que eu coordeno, o LAHPIS (Laboratório de História da Política



Internacional Sul-americana)⁴, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Sairá em breve publicado um livro que eu organizei, de título *Conexões internacionais da América do Sul no longo século XIX*, com uma série de capítulos sobre os mais diversos tipos de diplomacia e redes construídos no período: as diplomacias secretas e informais, a paradiplomacia, as atuações de mulheres e agentes financeiros e muitos estudos de casos bem interessantes.

Neste projeto em execução no LAHPIS, tenho olhado mais especificamente para os perfis e atuações dos diplomatas sul-americanos na segunda metade do século XIX. Tenho procurado identificar quem enveredava por este tipo muito específico de burocracia estatal na região, quais redes familiares e econômicas eram acionadas, quais as redes de sociabilidade eles recorriam em seus próprios países para progredir na carreira e quais redes construíam nos países em que estavam lotados. Desta pesquisa sairão publicados em breve dois capítulos em livros: um com um perfil dos diplomatas do Brasil no Segundo Reinado em atuação no continente americano, e o outro com um perfil dos diplomatas dos países do Prata (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) na segunda metade do século XIX, procurando apresentar semelhanças e diferenças e alterações ao longo do período.

Referências

Passetti, Gabriel. **Indígenas e criollos**: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885). Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

Passetti, Gabriel. **Bernardo O'Higgins**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação; Fundação Memorial da América Latina, 2008.

Passetti, Gabriel. **O mundo interligado**: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885). Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

Passetti, Gabriel. **Indígenas e criollos**: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885). São Paulo: Alameda, 2012.

Passetti, Gabriel; Silva, Ana Paula Barcelos R. (Org.) . **Nas teias da diplomacia**: percursos e agentes da política externa brasileira no século XIX. Rio de Janeiro: Mauad, 2022.

⁴ Ver: [LAHPIS](#).



Jose Miguel Arias Neto, Marcello José Gomes Loureiro & Pedro Gustavo Aubert

Conversando sobre Relações Internacionais: Entrevista Gabriel Passetti

Passetti, Gabriel. **Diplomacias e conexões internacionais:** a América do Sul no longo século XIX. Brasília: FUNAG, 2025.

Submetido em: 11 de abril de 2025

Avaliado em: 18 de abril de 2025

Aceito em: 14 de maio de 2025